

A Fazenda do Seminário do Jardim Antártica, zona norte de São Paulo: História, memória e preservação

The Jardim Antártica Seminary Farm, north of São Paulo: History, memory and preservation

Rodolfo Rodrigues de Almeida¹

Resumo

O referido artigo apresenta a história, a memória e a preservação da antiga Fazenda do Bispo ou do Seminário Episcopal de São Paulo, datada do século XIX. Nesse texto, pode-se notar o antes e o depois desse patrimônio que pertenceu ao bispo de São Paulo Dom Antônio Joaquim de Melo (1791-1861) em seguida ao Seminário Episcopal de São Paulo, passando pela família Ferreira Barros e pôr fim a Prefeitura de São Paulo.

Palavras-chaves: Fazenda do Seminário, História, memória, preservação.

Abstract

¹ Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção e Licenciado em História pela Universidade Brasil.

This article presents the history, memory and preservation of the old Fazenda do Bispo or the Episcopal Seminary of São Paulo, dating from the 19th century. In this text, one can notice the before and after of this heritage that belonged to the bishop of São Paulo Dom Antônio Joaquim de Melo (1791-1861) and then to the Episcopal Seminary of São Paulo, passing through the Ferreira Barros family and putting an end to the City Hall from Sao Paulo.

Key Words: Seminary's Farm; History; memory; preservation.

Introdução

No Jardim Antártica, região norte da cidade de São Paulo existe um patrimônio histórico com mais de 100 anos: é a *Fazendinha do Córrego do Bispo*.² Essa localidade preserva não somente as riquezas da fauna e flora da Serra da Cantareira, bem como a memória de um passado religioso cristão católico e de outros sujeitos históricos que ali residiram.³ A ideia desse texto é proporcionar aos leitores a descobrir a história da antiga Fazendinha do Jardim Antártica que aqui no decorrer do livro iremos chamar de *Fazenda do Seminário*, recordando o passado religioso neste território. Fazer memória é também recordar, assim “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade” (THOMPSON, 2002, p. 208). Uma identidade que é coletiva da qual a fazenda está relacionada ao longo dos anos. Nesse

² Outros nomes são atribuídos às ruínas do jardim Antártica: Fazenda do Bispo; Fazenda do Seminário; Fazenda da Serra; Córrego do Bispo.

³ Além dos padres e seminaristas que habitaram a região da Fazendinha do Antártica, no século XIX é possível que tenham vivido pessoas escravizadas, inclusive famílias que adquiriram a fazenda logo após a existência dos padres e seminaristas, incluindo caseiros.

sentido, falamos sobre a memória coletiva onde os sujeitos históricos envolvidos são os intérpretes e interlocutores de um passado de conflitos, lutas, influências e etc. Desse modo, a memória ficando menos ligada aos acontecimentos históricos passa a visualizar os comportamentos, mentalidades, imagens, ritos e festas (LE GOFF, 2003).

Hoje em dia a população local do Jardim Antártica aos poucos reconhece a importância do patrimônio histórico da Fazenda do Seminário e requer sua conservação e preservação do seu entorno, contemplando a flora e fauna da Serra da Cantareira. No passado a fazenda serviu para alimentar com os frutos da terra (subsistência) e gado vacum os seminaristas de São Paulo, incluindo o fornecimento de madeiras para a construção do próprio Seminário Episcopal da Luz (hoje Seminário Arquidiocesano de São Paulo). Toda essa memória coletiva interligada ao patrimônio histórico⁴ local sem dúvidas passa pelo estudo da cidade enquanto objeto de pesquisa. É na experiência das cidades que as interlocuções pessoais acontecem. Também as transformações sofridas pelas cidades ao longo do tempo histórico envolvendo inclusive os lugares simbólicos que compunham determinado povo. Assim, ao estudar o patrimônio histórico da fazenda do Seminário passando pela cidade como questão é se deparar com a multiplicidade de histórias e memórias sobre a cidade.⁵

⁴ Entendemos o patrimônio histórico a partir da visão de Pedro Funari e Sandra Pelegrini, para esses autores o patrimônio “é entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação. Parte-se do pressuposto de que há valores comuns, compartilhados por todos, que se consubstanciam em coisas concretas”. (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 20).

⁵ A esse respeito pode-se verificar a obra de MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

Toda a região do “centurião caipira” sendo este formado por chácaras, sítios e fazendas na cidade de São Paulo que entre os séculos XVII ao XIX forneceram produtos da terra como: algodão, milho, cana-de-açúcar para subsistência e também redistribuição para toda a cidade e outras províncias, e ainda no decorrer do século XX com as olarias de tijolos para construção de diversas casas e edifícios de São Paulo, sede hoje espaço para um urbanismo desenfreado e pouco organizado, surgindo, por exemplo, casas mal estruturada e favelas. As ruínas da antiga fazenda do Seminário no jardim Antártica faz parte deste cenário em que se encontra este patrimônio, e hoje seus moradores buscam melhorias para a região, como o lazer, a preservação do meio ambiente e da memória.

A Fazenda do Seminário: uma história

A Fazenda do Seminário ou do Bispo foi comprada na metade do século XIX pelo bispo de São Paulo, Dom Antônio Joaquim de Mello.⁶ Essa compra ocorreu em 1854 do casal Candido Joaquim da Silva e sua esposa, Maria Ellis da Silva.⁷ Tal fazenda estava localizada na região da Serra da Cantareira, hoje Jardim Antártica e Peri Alto. Essa localidade já em meados do século XVIII contava com ocupações e desenvolvimento. (BRUNO, 1984). Além disso, até o decorrer do século XX essa região afastada da cidade de São Paulo, possuía muitos

⁶ Nascido em Itu no interior de São Paulo em 1791 foi o 7º bispo de São Paulo tomando posse em 1852, no papado de Pio IX e sob o Império de Dom Pedro II.

⁷ Consta-se na escritura de 21 de novembro de 1854, a compra da fazenda na região da Cantareira, lavrada nas notas do Tabelião Emilio José Álvares da cidade de São Paulo.

sítios, chácaras utilizadas inclusive para descanso e lazer nos finais de semana, além da atividade agropecuária. (DPH, 2010). A fazenda do seminário como toda a região abastada do centro da cidade de São Paulo, como por exemplo, a região leste, a partir do século XVIII, contribuiu para uma cultura da agropecuária com abastecimentos das áreas mineradoras, onde se seguiu a apropriação dessas terras paulistas por portugueses que vieram por conta de enriquecimentos e ascensão social. (BLAJ, 1998). Esses paulistas do século XVIII deixam “a figura dominadora do bandeirante marcial e seminômade cedendo lugar à do fazendeiro patriarcal e à do esperto comerciante urbanizado”. (MORSE, 1970, p. 35). Desse modo,

a articulação de São Paulo com as áreas mineratórias propicia a acumulação de verdadeiras fortunas nas mãos dos comerciantes que abasteciam as minas com gêneros alimentícios, gados e escravos. (BLAJ, 1998, p. 282)

Toda essa realidade mercantil que tornava São Paulo, acumuladora de bens internos com (agricultores e criadores de gado) bem como exportadores desses mesmos produtos agrícolas, recai a tese de que São Paulo era uma região “pobre” e sem acúmulos de bens materiais e capitais. São Paulo foi durante o século XVII e no decorrer dos séculos XVIII e XIX, uma sociedade local, cujo, a economia repousava em um sistema escravista bem articulado e em unidades produtivas orientadas para o comércio. (MONTEIRO, 1985). Por fim, parafraseando Maria Luiza Marcílio, a autora defende a tese de que em São Paulo do século XVIII por conta do comércio interno e com outras

regiões, ao contrário do que se pensava de um despovoamento populacional, demograficamente São Paulo possuía um forte crescimento de pessoas residentes, bem superior para esse período histórico. Isso teria sido contribuição da produção agrícola da região paulista de comércio interno e externo. (MARCÍLIO, 2014).

Como se viu, a fazenda do seminário, interligada a essa rede produtora interna e externa que favoreceu a cidade de São Paulo desde meados do século XVII, foi doada ao Seminário Episcopal de São Paulo pelo então bispo Dom Antônio Joaquim através de sua carta testamento. Segundo a carta de testamento⁸ houve a

Doação de treze braças de terreno feita ao Seminário por D. Antônio J. de Mello. Digo eu Bispo abaixo assinado que possuindo um sítio ou Fazenda denominada da Serra de minha inteira livre vontade e dou como dado fica para servir de parte integrante a este seminário diocesano que por mim foi fundado. Entrego ao Reverendíssimo Reitor os títulos e divisas do dito sítio. O Seminário não pode deixar de ter uma casa de campo, onde se recreiem, desafoguem e descansem os reverendíssimos. Reitor Professores e também os ordinandos que não irão ter férias em suas casas; juntarão os alunos que por ventura não forem. Eu, pois transfiro a este Seminário todo o direito que sobre o dito sítio tinha tendo [sic] a administração do mesmo restrito dever de defender os direitos que transfiro embora o Sítio além de servir para recreação tinha e ofereça outras utilidades sempre a considerará como parte integrante do referido Seminário. Custou-nos esta propriedade oito contos de reis entrando alguns móveis e nós o damos no valor de novecentos pelas muitas obras que nela se fizeram, como moinho. (TESTAMENTO, 1862).

⁸ Carta testamento transcrita no português atual.

Pela documentação supracitada a fazenda do seminário foi local de lazer e retiro para os seminaristas. Contudo, cabia ao reitor a sua administração e desse modo às reformas necessárias e melhorias, como a construção de um moinho. O Seminário Episcopal de São Paulo inaugurado em 1856, no bairro da Luz, sob o bispado de Dom Antônio Joaquim de Melo,⁹ “foi construído com materiais extraídos da Fazenda da Serra. Concluída a obra, a fazenda passou a suprir o Seminário com gêneros alimentícios”. (DPH, 2010, p. 3). Para tanto, o bispo contratou em Itu um empreiteiro de taipas, pois ainda não havia em São Paulo o uso de tijolos senão para ladrilhos. E de Piracicaba veio o mestre de carpintaria Benedito Morato para colaborar na construção do prédio do seminário episcopal. (MARTINS, 2006). Vale ressaltar que a construção em alvenaria de tijolos foi conhecida em São Paulo na metade do século XIX. Antes, porém, a técnica utilizada era a taipa de pilão (paredes de barro amassado contando com emendas de madeira) utilizada na arquitetura colonial. As construções encontradas na fazenda do seminário se valeram da taipa de pilão, como é o caso da casa sede da fazenda, contudo as demais construções e reformas na casa sede utilizaram-se os tijolos, edificando paredes bem grossas, hoje em ruínas.

⁹ Em 1852, o bispo recém-empossado de São Paulo, Dom Antônio Joaquim de Melo, expressou o seu desejo de fundar um seminário para a formação dos futuros padres de São Paulo, até então São Paulo não tinha um seminário voltado para este fim. Assim, o bispo recolhendo doações e com isso comprando um terreno na Luz, anexo a chácara onde morava, para abrigar uma grande construção de taipa, que incluía também uma capela (posteriormente Igreja de São Cristóvão) na Avenida Tiradentes nº 8. (DPH, 2010, p. 2).

Encontramos nas primeiras construções inteiramente de tijolos, paredes extremamente grossas, chegando a 90 centímetros de largura, indício de que o material era empregado com receio. Paredes dessa espessura foram observadas na construção em ruínas situada ao lado da casa sede da Fazenda do Seminário. (DPH, 2010, p. 11).

Dessa maneira,

Uma vez revestidas, essas construções aparentavam ser de taipa, como por muito tempo se acreditou ser o palacete do coronel Rafael Tobias de Aguiar, que se situava na esquina da rua Alegre (atual Brigadeiro Tobias) com a atual avenida Senador Queirós. (CAMPOS JÚNIOR, 1997 In: DPH, 2010).

No livro de 1906 intitulado de *Polianteia*,¹⁰ observamos alguns dados a respeito da fazenda do seminário. Segundo este documento, a fazenda “assenta em um terreno onde confluem três mananciais de puríssimas e fresquíssimas águas, um dos quais agora captados para o abastecimento da capital”. (POLIANTEIA, 1906, p. 142). Importante frisar que no final do século XIX o governo do Estado de São Paulo declarou de utilidade pública, para serem desapropriados pelo Estado, terrenos na Serra da Cantareira, necessários para o aumento dos mananciais de abastecimento de água da capital.¹¹ Com essa desapropriação algumas fazendas da região, bem como a fazenda do

¹⁰ POLIANTEIA. *Álbum publicação comemorativa do 1º quinquagenário da fundação do Seminário Episcopal de São Paulo, 1856-1906*. Única obra que narra sobre a história da Fazenda do Seminário. Foi escrito por uma comissão composta pelo reitor do seminário e mais dois padres, que inclusive foram alunos do Seminário Episcopal de São Paulo. Para este trabalho fizemos a atualização ortográfica. Localização: Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

¹¹ *Estados Unidos do Brazil Diário Oficial do Estado de São Paulo. Decreto nº 214, de 4 de novembro de 1893*. Caderno Diário Oficial, Imprensa Oficial - Governo do Estado de São Paulo, p. 84. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

seminário teriam de deixar suas terras para a construção de represas.¹² O empreendimento ocorreu em 1893, pela Companhia Cantareira de Águas e Esgotos fundada em 1877, e encapada pela Diretoria da Superintendência de Obras Públicas em 1893, quando foi instituída a Repartição dos Serviços Técnicos de Águas e Esgotos. (DPH, 2010, p. 10). Sendo uma das regiões afetadas a do Córrego do Bispo que passava pela fazenda do seminário, o bispo da época, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, designou em 1894 como seu procurador para resolver essa situação com o Governo do Estado, a pessoa do *Dr. Prophirio A. Figueira de Aguiar*, “no processo da desapropriação das terras do sítio do Bispo de propriedade do Seminário Episcopal”.¹³ Contudo, a desapropriação da fazenda do seminário não aconteceu, pois a área desapropriada pelo Estado ficava no alto da Serra e não causava prejuízos à fazenda. (Ibidem, 2010).

A fazenda do seminário que foi para os seminaristas um “tempo de repouso escolástico” (POLIANTEIA, 1906), foi uma localidade que havia,

Matas e campos, colinas, vales e grutas profundas, de notável amenidade; dois açudes com suas canoas indígenas, abundante caça de pelo e de penas, além dos peixes que povoavam os açudes – tal era o sítio paradisíaco onde passavam as férias, em companhia dos Padres, os seminaristas. (POLIANTEIA, 1906, p. 142).

¹² As represas construídas foram: Cuca, Canivete, Divisa, Manino, Olaria, Itaguassu, Guaraú, Cassununga, Engordador e Bispo. (DPH, 2010).

¹³ Livro de Registro de Escritura nº 5, fl. 120 verso. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Os açudes mencionados pela polianteia eram os, dois lagos, chamados de *Tanque Grande e Tanquinho*. O Tanque Grande, margeado por árvores da Serra da Cantareira ficava a esquerda da casa sede da fazenda, assim “uma bela alameda coberta de grandes sombras margeia o tanque ao lado contrário começa sobe e afunda no horizonte o vasto campo, onde pasta o gado”. (POLIANTEIA, 1906, p. 152). Além disso, no tanque grande havia aguapés (planta aquática), marrequinhas selvagens (patos selvagens), os frangos d’água (ave aquática), e os peixes traíras que eram assim pescados. (Ibidem, 1906). Além do Tanque Grande, a fazenda do seminário tinha o Tanquinho que ficava atrás da casa sede, ele era um pequeno lago que tinha uma canoa também para a pesca.

Com a sua ilha central, onde havia antigamente um chorão, com seus galhos desganhados a uivar nas noites de ventania. Hoje é o lugar predileto onde se aninham os palmípedes. Lá está uma gansa espantada com o fotógrafo quando focalizava; outros estão passeando pelas águas a olhar para aqueles dois padres que dirigem a canoa. (POLIANTEIA, 1906, p. 150).

Pelo relato da polianteia, no tanquinho havia um chorão (árvore grande com galhos pendentes natural de lagos e rios), também local para reprodução das aves palmípedes (sendo, gansos, patos e cisnes). Por certo, na fazenda existia a criação de patos e gansos.

Margeando o tanquinho estava à famosa *mesa de Dom Lino*, bispo de São Paulo entre 1873-1894. Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho teria sido o bispo que garantiu na formação dos seminários a

difusão do pensamento romano sobre o Brasil, sob as orientações do papado de Leão XIII. (MARTINS, 2006). Ao visitar a fazenda do seminário, o bispo Dom Lino ficava junto a uma mesa de pedra avistando a paisagem local. Essa pedra era do antigo moinho “que há muitos anos, desempenha aquele papel”. (POLIANTEIA, 1906, p. 152). Por sua vez, os seminaristas gostavam de conversar com Dom Lino, ter com ele uma agradável prosa. (POLIANTEIA, 1906).

Na fazenda encontrava-se um pomar ao lado norte da casa sede. No começo do século XX esse pomar era do padre Marcondes.¹⁴ No passado o Monsenhor João Alves plantou um pomar, contudo foi plantado no mesmo espaço um outro pomar contendo laranjeiras, jabuticabeiras e frutos de várias espécies. (POLIANTEIA, 1906).

No caminho que se segue para a serra era possível verificar a famosa *biquinha*. A biquinha fornecia água fria e fresca para a fazenda e era apreciada pelos seminaristas e os padres.

A respeito do antigo moinho da fazenda do seminário, este em seu espaço era formado por uma casinha pequena,

assobradada, com o seu tosco alpendre a emergir daquelas cercas. Ali foi a morada de muitos homens notáveis pelo talento e pelas virtudes. D. Vital, o bispo mártir de Olinda, escreveu a sua primeira Pastoral, entre as quatro paredes daquela casinha, quando ele ainda estava na doce convivência dos seus irmãos. (POLIANTEIA, 1906, p. 154).

¹⁴ Cônego José Pedro de Araújo Marcondes, ordenado na capela do Seminário da Luz, foi cônego da Sé e vice-reitor do seminário episcopal na reitoria do Cônego Dr. João Evangelista Pereira de Barros (1897-1903), qual o padre Marcondes teve papel fundamental nessa reitoria. (MARTINS, 2006).

O Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira nasceu em Pernambuco em 1844, estudou no Brasil e em Paris. Foi frade capuchinho e nomeado bispo em 1872, com apenas 26 anos para Olinda e Recife por indicação do Imperador do Brasil e com autorização do Papa Pio IX. (DPH, 2010).
Dom Vital

desencadeou no Nordeste o fato que se tornou um acontecimento nacional, a chamada Questão Religiosa, que levou ao cume o conflito entre bispos e a monarquia brasileira. A Questão Religiosa fez parte das disputas entre a autoridade romana e a autoridade monárquica, envolvendo a participação da maçonaria junto ao clero católico. (MARTINS, 2006, p. 220).

Além do mais, sobre a fazenda do seminário, o relator da polianteia diz que,

a casa primitiva tem a feição dos antigos solares, com seu alpendre para palestra, como usavam os nossos antepassados. No tempo dos Capuchinhos pouca mudança ela sofreu. Plantaram aquela alameda de soainhas e jerivás, abriram caminhos pitorescos pela mata e fizeram deliciosos passeios. Em 1886 Monsenhor João Alves levantou um sobrado sobre a velha taipa e melhorou muito. Na reitoria do Cônego Pereira Barros foram drenados os brejos circunvizinhos e o solo ficou regularmente enxuto. (POLIANTEIA, 1906, p. 149).

Em livros de notas os reitores do seminário episcopal relatavam os bens existentes nas propriedades do seminário episcopal de São

Paulo. No relatório deixado pelo reitor padre João Alves¹⁵ (final da década de 1880) é transcrito o que a fazenda de propriedade do seminário episcopal possuía. Assim ela,

Não possuía nem hum boi de carro. Na capela com pavimentos velhos, encontrei alguns livros escolásticos em pequena quantidade (...) 33 camas de madeira, 153 cadeiras de varias espécies e vários objetos (...). O Jardim estava em estado regular, havendo ali dois viveiros com pássaros e um com veados (...). O edifício estava em bom estado no geral, precisando apenas a Capela e o exterior de retoques. (LIVRO DE NOTAS, 1889-1898, folhas 25 e 26).

Também no período de 1891-1893 para a fazenda do seminário, “o reitor comprou um carro de boi, com lugar para seis bois, bois para a pastagem e um touro”. (MARTINS, 2006, p. 237). Já em 1895 o reitor Monsenhor Soares do Amaral¹⁶ dizia que a fazenda “possuía noventa cabeças de gado vacum, três cavalos velhos, uma besta de trole, dois carros de boi grandes sem nenhum boi de carro”. (DOCUMENTOS AVULSOS, 1895). Na reitoria do Cônego Dr. João Evangelista Pereira de Barros,¹⁷ ele relata nas finanças e economias do Seminário Episcopal que a fazenda sofreria uma reforma para melhor abrigar os seminaristas

¹⁵ Cônego João Alves Coelho Guimarães, foi cônego da Sé, monsenhor e reitor do seminário episcopal. Assumiu a reitoria do seminário após a saída dos padres capuchinhos, ficando no cargo até 1889. (MARTINS, 2006).

¹⁶ Monsenhor João Soares do Amaral foi pároco de Pindamonhangaba e assumiu a reitoria do seminário episcopal após a saída do Cônego João Alves. Sua posse ocorreu em novembro de 1889. Permaneceu no cargo de reitor até 1895 quando foi acusado de corrupção por falsificar documentos em favor da Cia. dos Srs. Blanck. Porém, em fevereiro de 1895, o bispo dá posse como novo reitor ao Monsenhor Camilo Passalacqua, com idade avançada. Por conta de desentendimentos com o governo estadual ele exonera do cargo de reitor em 1897. (MARTINS, 2006).

¹⁷ Cônego Dr. João Evangelista Pereira de Barros, ordenado em Roma ao retornar para o Brasil foi nomeado secretário do bispo Dom Joaquim Arcoverde, foi pároco em Jacaré e Sorocaba. Nomeado reitor do seminário em 17 de julho de 1897 tendo por vice-reitor o Cônego José Pedro de Araújo Marcondes, permaneceu na reitoria até 1903. (MARTINS, 2006).

em suas férias.¹⁸ Entretanto, uma reforma de fato ocorre em 1905, onde o reitor Pe. Dr. Maximiano Leite¹⁹ adaptou a casa da fazenda para as férias gerais. Assim, encanou-se a água, esgoto, criaram-se aposentos, foram comprados três cavalos. Desse modo, em janeiro de 1906, os seminaristas partiram para as suas férias na Fazenda Seminário e ficaram por 40 dias, divertindo-se.²⁰ Ainda sob a direção do mesmo padre, no ano de 1904, a fazenda do seminário passou por melhorias, como “encanamento da biquinha, arrasamento da velha cozinha, latrinas patente e entupimento do tradicional carapecú”. (POLIANTEIA, 1906, p. 149).

É sabido pela documentação do seminário de que a fazenda em 1914 possuía uma *olaria de tijolos e moedor de cana* para indústria de aguardente. (LIVRO TOMBO, 1889-1914). Com a fabricação de tijolos era concebível a venda dos mesmos e até para reparos da fazenda. Entretanto, esse dado reforça ainda mais a importância da fazenda seminário para a região da Cantareira que juntamente a Freguesia do Ó e Santana formavam bairros agrícolas de abastecimento, com suas chácaras, sítios e fazendas. Além do mais produzir o suco da cana para aguardente fez da fazenda seminário partícipe da produção de cachaça junto a Freguesia do Ó primaz nessa produção, onde surgiu o termo “caninha do Ó”, por causa do vasto fornecimento de aguardente pelos sítios da região.

¹⁸ Relatório de Finanças e Economias das casas de posse do Seminário Provincial de São Paulo, 1898. ACMSP. 08-03-028.

¹⁹ Padre Dr. Maximiano da Silva Leite, assumiu a reitoria do seminário em 1904. O documento polianteia livro publicado em comemoração pelos 50 anos de fundação do Seminário Episcopal de São Paulo, teve este reitor importância na sua publicação, dada em 1906.

²⁰ Livro de Tombo do Seminário Provincial de São Paulo, 1889-1914. ACMSP. 08-03-028.

Os Seminaristas e a fazenda da Serra

Para muitos o período de férias, seja dos estudos bem como do trabalho diário é momento de descanso e lazer de uma vida corriqueira e cansativa. No passado a fazenda do seminário quando era de propriedade do Seminário Episcopal de São Paulo em terras junto a Serra da Cantareira foi espaço para o merecido descanso dos padres e seminaristas e também para retiros espirituais do então futuro clero paulista. Esse momento de descansar o corpo e a mente

era amplamente saboreado pelos estudantes que haviam de ficar na casa, e, ao aproximar-se o dia da ida para a Fazenda tudo se movimentava: combinavam-se os sócios das pacotilhas, desenferrujavam-se e azeitavam-se as espingardas pica-paus, pois as de marca Laport, só as possuía algum estudante dinheiroso. Nem eram esquecidos os anzóis e linhas para as pescarias. (POLIANTEIA, 1906, p. 142).

Como se nota a alegria pairava no seminário da Luz quando as férias e com ela a partida para a fazenda do seminário. Sendo alunos com condições financeiras melhores ou não, a alegria era a mesma. Nada eram esquecidos, inclusive os anzóis para a pesca. Essa partida se dava por ocasião das férias dos seminaristas, e ocorria geralmente ao mês de abril e maio, mês dedicado a Maria, mãe de Jesus e de devoção dos futuros padres. A ida para a fazenda da Serra (Cantareira) acontecia para que os jovens seminaristas não tivessem contato com o mundo exterior nem mesmo durante as férias.

O objetivo era reduzir o tempo de permanência dos alunos junto aos familiares, que se apresentavam como um universo oposto àquele que estava sendo vivenciado: o Seminário como representação do sagrado e o mundo externo, onde se encontrava a família, como a representação do profano. Assim, os reitores diminuían as possíveis tensões ou crises que o aluno viesse desenvolver, transitando entre os dois ‘mundos’. (MARTINS, 2006, p. 166-167).

Os alunos (seminaristas) partiam logo cedinho pela madrugada, iam a pé caminhando por doze quilômetros, pois os veículos e os animais não eram suficientes para todos. Contudo, mesmo com a chegada da linha férrea na cidade de São Paulo, os jovens seguiam para a fazenda a pé. Para a partida e arrumação das bagagens no carro de boi,²¹ eles contavam com a ajuda do senhor *Joaquim Corá*, antigo porteiro do seminário e depois seguiu trabalhando na fazenda. Ele pegava uma corda de couro cru e amarrava as bagagens em seu carro de boi. (POLIANTEIA, 1906). Entre essas bagagens estavam camas “que eram atadas com algum cordel já preparado; ultimavam o arranjo das velhas e decompostas canistras de couro mais ou menos esfoladas ou dos bauzinhos de folha mais ou menos amarrados e miseráveis”. (IBIDEM, 1906). Antes de partirem os seminaristas tomavam o café da manhã, o chamado de camondongos,²² “e depois de breve oração na capela, punha-se a caminho a caravana, capitaneada por um dos padres-mestres”. (IBIDEM, 1906, p. 142).

²¹ Durante cerca de três séculos, toda a região paulistana de além-Tietê desenvolveu-se através do transporte animal, o que é explicado pela própria topografia, pois alguns pequenos núcleos de povoamento, situados no topo das colinas, só poderiam ser atingidos por íngremes ladeiras. (TORRES, 1970, p. 16-17).

²² Pequenos pães de 20 reis, em rações de dois a cada indivíduo. (POLIANTEIA, 1906, p. 142).

No decorrer do caminho para a fazenda, os seminaristas portavam espingardas para as caças e pequenos pacotes a tiracolo. Eles seguiam narrando a sensação da viagem e também cantavam cânticos tradicionais, inclusive em francês que não soava perfeitamente. Nas paradas, faziam a roda do jongo:

expressão seminarista para significar o círculo formado de estudantes ficando um deles no centro, todos batendo palmas e cantando umas ingenuidades que ainda agora dão para rir. O do centro tinha o direito de se fazer substituir por um das circunferências, e assim sucessivamente. Este divertimento, além de outros, era usual também a estada na Fazenda e a viagem de volta ao Seminário. (IBIDEM, 1906, p. 142).

Ao chegarem à Fazenda do Seminário os seminaristas eram distribuídos segundo a idade de cada um, assim, “nos dois minúsculos dormitórios de telha vã, indo, porém, os teólogos ocupar, só eles, um terceiro dormitório, em nada superior aos outros dois”. (POLIANTEIA, 1906, p. 143). Já instalados em seus dormitórios e seguindo os dias, os jovens seminaristas viviam em fraternidade, paz e despreocupações mundanas. Eles se reuniam em grupos de “dois ou três para a caçada no mais embrenhado da serra, para a pescaria e para os passeios a sítios afastados”. (IBIDEM, 1906, p. 144). Mesmo mantendo esse contato com a natureza e com outros moradores da região da fazenda, os seminaristas, “mantinha-se na mais completa correção de costumes, na mais edificante abstenção de expressões que se não pudessem casar com o decoro”. (IBIDEM, 1906, p. 144). Ainda no relato da polianteia,

os reitores colocavam diversas tarefas aos seminaristas com objetivo de afastá-los de qualquer perigo “carnal”. Assim, eles empreendiam a,

abertura de uma desnecessária picada pela mata, ou a construção de algum estreito caminho de contestável utilidade [...] ora, eram as excursões em comum ao cume das serras vizinhas, aos picos distantes do Jaraguá, todas com o competente farnel e algumas com pousada no sertão agreste. (POLIANTEIA, 1906, p. 144).

Portanto, mesmo seguindo as ordens dos reitores e sendo disciplinados como se estivessem no seminário, os seminaristas não deixavam de se divertirem, seja, pelas caças e pescas nos lagos, ou pelas andanças nas redondezas, inclusive não deixando de levar consigo o *farnel* (lanche) para comerem nos passeios.

No livro tomo do Seminário Episcopal de São Paulo, é mencionado o período de férias dos seminaristas na fazenda da Cantareira, da Serra ou do Seminário. Em 1906, após reforma da casa com a criação de aposentos e compra de três cavalos, os seminaristas partiram para a fazenda e ficaram 40 dias divertindo-se. (LIVRO TOMBO, 1889-1914). Já para as férias do ano de 1913, sendo a de final de ano, os jovens religiosos partiram para a fazenda ou sítio da serra para as férias gerais dos 40 dias regressando para o Seminário em 7 de fevereiro de 1914. (IBIDEM, 1889-1914). Anos depois, em maio de 1940 houve o passeio à antiga fazenda do seminário na Cantareira com suas árvores frutíferas o que causou alegria e descanso aos futuros padres. (LIVRO TOMBO, 1933-1946). Interessante esse relato do livro tomo, pois demonstra que os seminaristas mantinham contato com a

Revista Cordis. História e Arte. São Paulo, vol. 2, nº 30, 2023.

fazenda seminário mesmo após a venda a família Barros (1921) qual iremos apresentar no decorrer desse trabalho. Eis o apontamento para uma amizade sólida entre a família Barros e os clérigos de São Paulo.

Passando pelo açude e caminhando sentido ao poente localizava-se o antigo solar da família Franco. O padre Franco antigo vigário da Freguesia do Ó pertencia a esta família. Junto a esse solar estabeleceu-se uma fazenda com escravatura, porém os negros eram tratados com “carinho e havia grande liberdade”. (POLIANTEIA, 1906, p. 153). Desse modo, é possível que nesta região da fazenda do seminário e a própria fazenda serviu-se da escravidão africana para o trabalho nas plantações e demais serviços.

Na fazenda dos Franco, havia roças de milho, quartéis de cana, cujo suco produzia à famosa “caninha do Ó”. No tempo dos capuchinhos, os seminaristas passavam pela casa dos Franco, local que transbordava alegria e contentamento. Segundo Aristophilo Araújo, na polianteia, já em 1906, a velha casa da família Franco foi “invadida pela hervaçal” (POLIANTEIA, 1906), ou seja, grande matagal tomou conta, significando o abandono humano da residência restando somente à antiga taipa.

Outro sujeito histórico que fez parte dos tempos dos seminaristas na fazenda foi o carreiro Chico Doce. Uma das funções de Chico era trazer a lenha para os festejos do dia de São João no mês de junho. No veículo puxado por bois a lenha era colocada e Chico dirigia o carro. Além de Chico Doce, outros homens também tiveram essa função de lidar com o carro movido por bois, sendo o Corá Velho e o Joaquim Coitinho, negro pernóstico, porém respeitoso aos padres, e por fim o

Firmino, negro sambeiro e domador de burro bravo. (POLIANTEIA, 1906, p. 153). Na documentação polianteia, não há menção da existência na fazenda seminário de uma senzala, porém nas entrelinhas do documento é verificada sem dúvidas a presença negra escravizada na região. Tendo um bom convívio ou não com os padres e demais indivíduos, houve nessas terras o trabalho escravo para manutenção das fazendas que se encontravam nessa localidade, hoje Jardim Antártica, Peri Alto.

Também a polianteia menciona a presença de um caçador e conhecedor da Serra da Cantareira e que tinha amizade com os seminaristas e padres. Este era o senhor Fortunato, “o companheiro predileto dos capuchinhos, que vinham nele um homem bom, dócil e serviçal. Quando queriam alguma caça de pelo ou de pena, era só encomendar”. (POLIANTEIA, 1906, p. 152). Fortunato conhecia até os esconderijos dos animais, logo pela manhã ficava de prontidão para caçar jacus que desciam da árvore canjerana, assim ele apontava sua espingarda pica-pau infalível. (IBIDEM, 1906).

A devoção Mariana na Fazenda do Seminário

No catolicismo, Maria de Nazaré, a mãe de Jesus é cultuada no mundo todo. Em cada país ou localidade Maria recebe um título segundo a devoção da população. No Brasil, temos Nossa Senhora Aparecida por padroeira, em Portugal, Nossa Senhora de Fátima em Fátima, para América Latina, Nossa Senhora de Guadalupe que se encontra no México. São diversos títulos, porém Maria é uma só e isso não podemos confundir. Na metade do século XIX, a fazenda do seminário a partir de seus seminaristas criou a devoção a Nossa Senhora

da Serra, por conta da Serra da Cantareira, e com isso a construção de uma pequena capela.

O período de férias sendo iniciado regularmente em abril e estendendo-se até junho, “as do ano de 1865 deviam assinalar-se pela construção de uma capelinha rústica, sob a invocação local de Nossa Senhora da Serra e destinada às devoções do mês de maio”. (POLIANTEIA, 1906, p. 144). Os seminaristas devotados a Nossa Senhora junto ao reitor o capuchinho Frei Eugênio de Rumilly construíram a pequena capela a 100 metros da casa sede da fazenda num elevado a meia encosta do monte. (IBIDEM, 1906). O material utilizado para erguer a capela foi das adjacências da fazenda e do próprio mato. O padre Carlos Maria Terrier, que nessa época era diretor espiritual do seminário acompanhou essa construção e o arquiteto foi o Frei Eugênio, o mesmo que aprimorou a capela do seminário da Luz. Para empreitada contaram com a força do veículo movido a boi para estabelecer o caminho. Com entusiasmo eles distribuíram o serviço desse modo: “uma turma para os trabalhos de escavação, outra, escolhidos os mais robustos e corajosos, para colher o sapé da coberta, cortar no mato os oito esteios, as traves, caibros e ripas”. (IBIDEM, 1906, p. 144).

Com a finalização da obra, Frei Eugênio também arquitetou o altar da capelinha. Revestiu o altar e ornou-o com cipós e caniços, além do material, sendo o martelo, pregos, serra e canivete. (IBIDEM, 1906).

A capelinha ficou pronta no decurso do mês de maio, o mês de Maria segundo o catolicismo. Contudo, para a finalização do mês mariano foi realizada uma procissão. Para o caminho até a capela foram utilizados enfeites feitos de diversas ramagens, bambus, lindos

samambaiuçús, além de lanternas e bandeirolas de papel de cores, tudo feito pelos seminaristas. Para o andor de Nossa Senhora eles ornaram com: tecidos, galões e palmas. Confeccionaram com papel cartão dourado a coroa da imagem de Maria. (POLIANTEIA, 1906). Quanto à imagem de Nossa Senhora cultuada na capelinha, era uma ofertada ao seminário e feita pelas religiosas do Recolhimento de Nossa Senhora da Luz em sua oficina. Sendo, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, “esta estátua que salvo erro, é a mesma que ainda se venera no altar principal da nova capela da Fazenda, foi a que coroou aquele pobre andor”. (IBIDEM, 1906, p. 146). O mesmo documento polianteia (1906) relata que por nove anos a pequena capela rústica funcionou e ali os seminaristas renderam graças a Maria, mãe de Jesus, além disso, puderam propagar naquelas terras e redondezas o culto mariano.

Nos tempos dos padres capuchinhos onde a pequena capelinha servia de local sagrado, os seminaristas cantavam a Maria em francês, já que as publicações desse período eram nessa língua e pouco em português. Também, o livro de meditação mariana era em francês e alguns jovens que sabiam o idioma serviam de intérpretes a mando do reitor. (IBIDEM, 1906). O saudoso padre Fagundes que na época dos capuchinhos era seminarista disse na polianteia, “o que hoje, em tais circunstâncias, se pratica com brilho e facilidade, naqueles primórdios era feito com modéstia e penúria de recursos, se bem que com igual fervor e entusiasmo”. (IBIDEM, 1906, p. 147). Desse modo, o culto mariano na fazenda do seminário ocorria no percurso das férias seminarísticas, um momento único e de fé na vida daqueles jovens futuros padres de São Paulo e na então diocese em que “assinalava o

primeiro estádio da devoção pública do mês mariano, nesta diocese”. (IBIDEM, 1906, p. 147).

Com a reitoria dos diocesanos a pequena capelinha no meio da mata da Serra cedeu lugar a uma nova capela. A informação da edificação da capela com maior espaço vem também da polianteia, e diz que na reitoria do Cônego Pereira Barros, “fez-se a Capela de Nossa Senhora da Serra e mais alguns melhoramentos”. (IBIDEM, 1906, p. 149). Assim, é possível que a construção dessa nova capela a que está ao lado da casa sede da fazenda tenha se dado entre os anos de 1897-1903, tempo da reitoria do Cônego Pereira Barros.

O padre Fagundes na polianteia descreve em 1906, a situação da antiga capelinha que provavelmente passou por uma pequena reforma recebendo tijolos e outros melhoramentos. Segundo o religioso, onde está a capelinha,

Vê hoje o visitante, por padrão comemorativo, um montículo de pedras em que se aninham repteis venenosos, e um edículo tosco e já arruinado, de construção mais recente: e percebe que aquele sítio guarda recordações mais ou menos veneráveis que as sucessivas gerações não tem consentido que se percam. (POLIANTEIA, 1906, p. 148).

Além disso, comparando o local com o Monte Horeb onde Deus se manifestou a Moisés, o padre Fagundes totalmente saudosista descreve assim a situação de tristeza mediante o abandono da pequena capela que serviu nos tempos dos capuchinhos como local de veneração a Maria. Tendo ameaças de répteis venenosos (cobras) a pequena

casinha (edícula) atrás da casa sede contando 100 metros de distância, como aponta a polianteia, não poderia ser esquecida e sempre que possível lembrada, pois ali se deu as alegrias e honras a Virgem Maria. Por fim, a nova capela de Nossa Senhora da Serra, porém, com a veneração a imagem da Imaculada Conceição de Maria, inclusive padroeira do Seminário Episcopal de São Paulo (hoje arquidiocesano), foi capela pertencente à matriz de Santana em data de 1911.

Novos moradores da fazenda do Seminário

Por longos 59 anos a fazenda do seminário foi uma das propriedades do Seminário Episcopal de São Paulo. Porém, em 1921, já enquanto Seminário Arquidiocesano, a reitoria vendeu a fazenda ao casal Nestor de Barros e Sylvia Ferreira de Barros.²³ Na documentação consultada não foi possível saber o motivo da venda da fazenda pelo seminário. O interessante foi que a família Barros manteve a capela e provavelmente feito algumas manutenções na casa sede.

O casal Ferreira de Barros pertencia a elite paulista e política. Nestor de Barros nasceu em Sorocaba em 30 de agosto de 1874, filho de João Jorge Soares de Barros qual pertencia ao Partido Republicano e sua mãe a senhora Anna Olympia Ferreira de Barros. Teria o jovem Nestor estudado no Liceu Sorocabano e após cumprir os estudos em humanidades seguiu carreira comercial. Teve destaque na firma Sousa Pereira de chapéus alocada em São Paulo e Sorocaba. Cultivou algodão e estabeleceu-se com uma fábrica de tecidos da juta, a fábrica Sant'Anna, e mais tarde fez parte da Companhia Nacional de Tecidos

²³ Escritura de 6 de junho de 1921, transcrição nº 13.472 da 2ª Circunscrição de Imóveis da Capital. Cf, processo nº 2008 – 0.046.624-8, fl. 19. In: Antiga Sede da Fazenda do Seminário. Estudo histórico para subsidiar projeto de implantação do Parque Linear do Bispo. Prefeitura de São Paulo, DPH, 2010.

da Juta a qual foi também diretor-presidente. Faltando ouro para a compra de sacarias onde se colocava o café e cereais, Barros inicia o plantio em suas propriedades de hybiscus; São Francisco; Ramie; Guaxima, como forma de ajudar na produção de sacarias.²⁴ Por outro lado, a sua empresa *Nestor de Barros e Cia.*, “lançou-se em notáveis empreendimentos, visando o progresso de nossa agricultura e de nossa indústria, tentando até a fabricação de chapéus, com fibras de algodão e hybiscos” (CORREIO PAULISTANO, 1937, p. 4).

Nestor de Barros dedicou-se uma vida a agricultura, além de ter sido vereador pelo partido republicano paulista. Com isso como agricultor adquiriu a Fazenda Seminário,

da Arquidiocese de São Paulo, iniciou aí grandes plantações de laranjas, algodão, hybiscus, São Francisco, Ramie e de diversos cereais, tendo sido também um dos primeiros e dos maiores exportadores de laranjas e de algodão” (IBIDEM, 1937, P. 4).

Depois ele adquiriu a Fazenda Oratório com mais de 1.700 alqueires onde continuou a plantação de fibras (IBIDEM, 1937). Segundo o vereador Achilles Bloch da Silva, que proferiu as palavras em homenagem ao falecido Nestor de Barros na Câmara Municipal de São Paulo, Nestor de Barros que tinha um grande círculo de amizades no meio industrial e comercial, sendo um autêntico cristão católico foi benfeitor da Santa Casa de Misericórdia, do Asilo Colônia, e da Capela Santo Angelo, bem como das matrizes de Santana e Tremembé. Desse

²⁴ Jornal Correio Paulistano – Órgão do Partido Republicano Paulista. Fundado em 1854. Ano LXXXIV. Jornal de 24 de Agosto de 1937, nº 24.984.

modo tornou-se da Santa Casa um “irmão protetor” título que lhe fora atribuído, tendo nome gravado na placa de bronze da enfermaria do asilo Sampaio Vianna (IBIDEM, 1937).

A senhora Sylvia Ferreira de Barros, era neta de fazendeiros de Indaiatuba, século XIX, o senhor José Estanislau do Amaral e a senhora Thereza de Jesus Aguirre do Amaral. Suas fazendas produziam café e açúcar e exportavam até Santos. Esse casal teve seis filhos entre eles Anna Leonisia do Amaral Camargo a mãe de Sylvia. Os pais de dona Sylvia sendo o casal Anna Leonisia do Amaral Camargo e o pai o senhor Cândido Ferreira da Silva Camargo, tiveram 13 filhos. Dona Sylvia antes de se casar com Nestor de Barros teve por nome de solteira Sylvia Ferreira de Camargo. Seu pai nascido em Campinas, foi bacharel em Direito da turma de 1861 e foi filho do Barão de Itatiba.²⁵

A senhora Sylvia Ferreira de Barros, nasceu em Campinas em 1886 e faleceu em 1951. Casada com Nestor de Barros, dona Sylvia ajudava na filantropia da cidade e neste sentido foi a procura de fundos para a construção de um hospital para pessoas com doenças mentais. Ela publicou um livro de receitas da família com pratos de doces e salgados que fazia em suas fazendas para que com as vendas dos exemplares pudesse conseguir o dinheiro para a empreitada. O hospital no Arraial de Sousas em Campinas foi inaugurado em 1924, contando com a presença do governador de São Paulo Washington Luiz. Sendo a benemérita da mobilização para a construção do hospital, dona Sylvia tem uma grata satisfação, pois a partir dos anos 1940 o Hospital de

²⁵ NETO, Antônio Estanislau do Amaral (Coord.). Livro Genealogia de José Estanislau do Amaral e Thereza de Jesus Aguirre – sua descendência. Acervo Camila Zakia Coelho Bernardini, 1991.

Dementes de Campinas recebe o nome de seu pai, sendo assim Sanatório Dr. Cândido Ferreira. O casal Ferreira de Barros adquirindo a fazenda seminário, manteve a estrutura da localidade.

Atenta-se para as construções existentes na sede da fazenda, sendo: “a capela, a casa sede, a construção de paredes grossas de tijolos, o tanque pequeno de formato retangular e os caminhos e trilhas que conduziam à sede e à cidade”. (DPH, 2010, p. 14). Em 1937, com o falecimento do senhor Nestor de Barros, sua esposa Sylvia Ferreira de Barros herdou a área denominada, fazenda do seminário, com espaço de 3.946.213,00 m². (IBIDEM, 2010, p. 17). Mas, em 1945, a viúva de Nestor de Barros sorteou entre os seus oito filhos as terras herdadas, distribuindo em quinhões.²⁶ Nesse sentido, “com o crescimento do núcleo urbano, as antigas chácaras e sítios nos arredores de São Paulo foram desmembrados em propriedades menores, que, loteadas, deram origem a bairros novos”. (IBIDEM, 2010, p. 17).

Além disso, sobre o bairro de Santana, cujo, a Cantareira²⁷ nessa época fazia parte, “deixará de ser bairro agrícola, para ser também residencial e de recreio, para se tornar, em meados do século atual, uma espécie de sub-centro como outros bairros periféricos, como Pinheiros e Penha”. (TORRES, 1970, p. 87). Esse desmembramento de terras interligado inclusive ao aumento populacional deve-se a uma São Paulo que foi cafeicultura a policultura, onde a expansão da rede de estradas

²⁶ A planta referente aos limites da Fazenda do Seminário encontra-se no 11º Tabelionato do Município de São Paulo, registro nº 1.528. A declaração do terreno consta na Diretoria de Impostos e Taxas sobre a Riqueza Imobiliária, registro nº 144.504. In: Antiga Sede da Fazenda do Seminário. Estudo histórico para subsidiar projeto de implantação do Parque Linear do Bispo. Prefeitura de São Paulo, DPH, 2010.

²⁷ No começo do século XX, teve início o loteamento da Vila Nova Cachoeirinha, realizado pela Imobiliária Rudge, marcando a presença dos imigrantes japoneses que optaram em estabelecer-se em chácaras e sítios na Cantareira. Eles plantavam legumes, hortaliças, frutas e flores. (PONCIANO, 2004).

de rodagem colocou a cidade em contato com outros Estados, despontando para um ritmo acelerado de industrialização. Também a presença de imigrantes de diversas nacionalidades. Contudo, esse novo cenário da cidade contribuiu para os problemas de infraestrutura exigindo novos planos de urbanização. (IBIDEM, 1970).

Para a realização do sorteio dos oito quinhões de terras da fazenda seminário, Dona Sylvia contou com a presença e testemunha do Frei Modesto, frade capuchinho da Ordem da Imaculada Conceição, provavelmente amigo da família. (DPH, 2010). Segundo a transcrição de doação,²⁸ os filhos: *Renato Ferreira de Barros* ficou com o quinhão um contendo três casas, *Rubens Ferreira de Barros*, recebeu o quinhão dois, tendo duas casas, *Luiz Ferreira de Barros* com o quinhão quatro ali contendo uma casa, *Paulo Ferreira de Barros* recebeu o quinhão cinco. As terras de Renato e Rubens eram de 290.400,00m² cada, o terreno de Luiz somava 458.535,00m² e a de Paulo era 403.345,00m². (IBIDEM, 2010). Os filhos, *Carlos Ferreira de Barros* recebeu o quinhão seis; *Maria Leonor Ferreira de Barros do Amaral* recebeu o quinhão sete, tendo diversos ranchos e *Raphael Ferreira de Barros* ficou com o quinhão oito, contendo uma pequena casa. Ao todo eles herdaram a quantidade territorial de 363.000,00m².

O filho *Raul Ferreira de Barros* ganhou o quinhão três. Esse quinhão correspondia à sede da fazenda do seminário contendo a capela. (DPH, 2010). Assim, para este herdeiro havia uma cláusula

²⁸ Escritura de doação de 27 de dezembro de 1947. 11º Tabelionato da Cidade de São Paulo, livro de notas nº 1027, fl. 21 (verso). Processo nº 2008 – 0.046.624-8. In: Antiga Sede da Fazenda do Seminário. Estudo histórico para subsidiar projeto de implantação do Parque Linear do Bispo. Prefeitura de São Paulo, DPH, 2010.

especial, onde deveria se comprometer em “continuar a conservar a capela, mandar celebrar missas aos domingos e dias santos e de guarda e preparar crianças para a primeira comunhão”. (ESCRITURA DE DOAÇÃO, 1947). Dona Sylvia e seu falecido marido eram católicos, o que permitiu a permanência do ofício religioso no local da fazenda seminário. Além disso, essa área da casa sede e capela eram de “vinte e três mil trezentos e noventa e cinco metros quadrados ou dois hectares e trinta e seis ares e noventa e cinco centiares”. (IBIDEM, 1947).

Dos anos 40 a 60, com o loteamento da região da Cantareira concluída o bairro muda de configuração. Assim em,

1942, a Estrada de Ferro Sorocabana, sob controle do governo estadual, incorporou o Tramway da Cantareira. Ao longo da avenida Cantareira, até a década de 1960, era possível banhar-se em diversas fontes de água limpa, regiões depois ocupadas por residências e comércio. O transporte nos vagões ainda era muito lento, o que contribuiu, junto com a crescente preferência pelo ônibus, para a desativação do Tramway da Cantareira em 1964. (DPH, 2010, p. 18).

Com o loteamento residencial em decurso, no ano de 1968 “foi oficializada a denominação de Estrada da Sede” (IBIDEM, 2010, p. 19). Em 1985, o quinhão três contando com a sede da fazenda seminário, capela e demais construções foi vendido pelos herdeiros do falecido Raul Ferreira de Barros, entre eles a senhora Maria da Luz Leda Pannunzio de Barros a empresa de Auto Viação Brasil Luxo LTDA.²⁹

²⁹ É o que consta na escritura de 1 de abril de 1997. 7º Tabelião de Notas do Município de São Paulo, livro nº 5.205, fl. 242. In: Antiga Sede da Fazenda do Seminário. Estudo histórico para subsidiar projeto de implantação do Parque Linear do Bispo. Prefeitura de São Paulo, DPH, 2010.

Essa empresa de ônibus iria construir uma garagem no local da fazendinha, porém esse fato não aconteceu. Em consequência da falta de uso do terreno da fazenda seminário, o local veio ao abandono e sofrendo depredações no decorrer do tempo. Com isso, houve roubos, invasões. (IBIDEM, 2010, p. 20). No mais,

o escoadouro do tanque pequeno foi quebrado, perdendo-se aquela área de represamento. A casa sede perdeu parte do telhado e apresenta vários pontos de infiltração. Uma construção em alvenaria de tijolos, de paredes grossas, encontra-se parcialmente destelhada. O telhado da capela e uma de suas paredes ruíram, em parte, e pela queda de uma árvore. (DPH, 2010, p. 20).

Passando os anos, em agosto de 2007, pelo Decreto nº 48.585, de 2 de agosto do mesmo ano, publicado no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, a Prefeitura desapropriou o terreno pertencente a empresa Brasil Luxo para a implantação do Parque Linear do Córrego do Bispo. Ficando assim, de utilidade pública a denominada fazendinha do seminário do Jardim Antártica, com todos os seus imóveis (casa sede, capela, pocilga) uma área de 1.209.603,57m². (DPH, 2010).

Memórias da Fazenda do Seminário

Com o projeto de construção do Parque Linear do Córrego do Bispo, alguns moradores do Jardim Antártica e adjacências aparecem para rememorar a história da fazendinha do Bispo. É o caso do grupo Galeria Jardim Pery Zona Norte. Por meio das redes sociais esse grupo

transmite a população passagens da história do Pery e rememoram todo o cotidiano da região, das famílias que viviam ali e também sua relação com a fazendinha do Antártica.

Dentre as histórias comentadas por esses memorialistas, existem duas das quais queremos apresentar: a lenda do padre montado no cavalo branco e a lenda de Nossa Senhora de Lourdes. Segundo relato de moradora, a senhora Lourdes de Castro,³⁰ a história começa quando dois padres moradores da fazenda Seminário venderam a propriedade e desse modo desmancharam a sociedade que eles mantinham. Na falta de acerto os dois saíram na briga o que ocasionou a morte de um dos padres. Assim, ao soar da meia-noite o padre assassinado surgia no Jardim Pery montado em um cavalo branco para assombrar a população local. Além dessa história dona Lourdes relatou da imagem de Nossa Senhora de Lourdes que ficava no meio do mato e aparecia as pessoas. Essa Santa tinha mãos postas e ficava sob o altar de uma pequena capela. Porém, segundo a mesma lenda, a Nossa Senhora descia a Serra e vinha até a outra capela próxima a casa sede e depois retornava para o seu devido lugar.

Histórias como essas fazem parte do cotidiano das cidades. São memórias coletivas que existindo ou não tem relação com o patrimônio histórico local. Como postulou os antropólogos Marco Antônio da Silva Mello e Arno Vogel (1984, p. 50) as cidades são “verdadeiros sistemas de memória”. Essas memórias são entrelaçadas a tradição oral. Todo o relato contado por moradores que viveram ou ainda residem no Jardim

³⁰ Entrevista dada pela senhora Lourdes de Castro em julho de 2020.

Antártica e no Jardim Pery mesmo sendo lendas urbanas, podem nos mostrar vozes ocultas, segundo Thompson,

todo homem e toda mulher tem uma história de vida para contar que é de interesse histórico e social [...] mas a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. (THOMPSON, 2002, p. 17)

O mesmo autor alega que mitos e tradições orais, como no caso, as lendas contadas por dona Lourdes, “podem ser vistos de muitos ângulos diferentes: como instâncias da constituição social da memória, como folclore, como deformações da verdade histórica, como invenções da tradição, etc”. (IBIDEM, 2002, p. 18). Porém, essas narrativas “são mais valiosos quando diretamente relacionados à experiência de vida contemporânea”. (IBIDEM, 2002, p. 19). De fato, essas histórias narradas e acreditadas pelos moradores, que inclusive causa espanto em alguns cidadãos antigos são experiências de vida contada de geração em geração e assim rememorando um passado religioso no local hoje denominado de jardins Antártica e Peri zona norte da cidade de São Paulo.

A senhora Lair Pinto nasceu em 1938 na fazenda do Seminário,³¹ ela deu entrevista à galeria Jardim Pery Zona Norte e relatou um pouco de sua infância na fazenda.³² Ela viveu até por volta dos sete anos de

³¹ Registro Civil de Lair Pinto, nascida em 1938 na fazenda Seminário. Consta no Oficial de Registro Civil das pessoas naturais do Subdistrito de Santana.

³² Entrevista dada por Lair Pinto, em 15 de Julho de 2020.

idade na fazendinha e recorda-se da vegetação (pés de jabuticabas) e como toda criança, brincava por ali, já que seus pais eram ativos na fazenda (possivelmente caseiros). Logo após seus sete anos ela junto aos pais mudaram de lá e foram para outra região.

No começo dos anos 2000 o então estudante de Arquitetura e Urbanismo Rui Meneses que em sua infância residiu com parentes na fazenda do Seminário em tempos da família Ferreira de Barros esteve na antiga fazendinha do Antártica para fazer pesquisa de campo. Essa pesquisa ocasionou em seu trabalho de conclusão de curso em Arquitetura. Rui em algumas de suas memórias faz seus apontamentos a respeito de sua família e o contato com a fazenda seminário,

essa casa que você menciona [casa de caseiro] minha avó chegou a morar aí, minha mãe até me falou que ela tinha uns quatro anos quando essa casa foi construída, o conjunto todo é o casarão, depois uma casa menor que é térrea com umas alporras, tinha uns quartos, a capela e tem essa concheira que eles criavam gado. Quando eu era criança minha avó falava não chega perto do boi que o boi vai correr atrás de você se você estiver com roupa vermelha, então eu me lembro disso daí. Era um gramado bem bonito, tinha muitos pés de jabuticabas, tinha dezenas de pés de jabuticabas, eu lembro que eu sentava com minha avó ficava nos pés de jabuticaba. Tinha uma gruta aí também no alto da serra onde tinha uma mina d'água que enchia o lago aí na frente que eles fizeram uma piscina com um deque na época o antigo proprietário, enfim tem todo um histórico.³³

³³ Entrevista dada por Rui Meneses em 15 de julho de 2020.

Importante relato cedido por Rui a nossa pesquisa, pois confirma aspectos cotidianos de pessoas que conviveram com a família Barros e propriamente com a fazendinha do seminário. Além disso, é demonstrado o que a fazenda possuía antes de entrar em ruínas, como hoje ela se apresenta.

Ademais, Rui nos traz com a sua pesquisa de TCC imagens da área dos fundos da casa sede e do pátio dela. Todo esse conjunto arquitetônico não existe mais, a não ser a capela que resiste aos ditames do tempo. Infelizmente nada foi preservado o que resultou no desmoronamento da casa sede, concheira e demais construções. Com o levantamento da pesquisa de Rui, ele presenciou numa construção aos fundos da casa sede e que nela

tinha uma laje gigante sem apoio era uma laje em balanço ela saía e até expandia no local, e ela estava sofrendo um fenômeno que a gente chama na arquitetura de flambagem, ela estava cedendo e criando uma barriga por infiltração, era um salão bem grande.³⁴

Outro dado interessante é sobre a capela da Serra, a pequena capelinha feita pelos seminaristas serra adentra e elogiada no livro polianteia, Rui que na época de 2000 esteve no local, fotografou a capelinha e por relato em nossos dias, ele nos conta sobre a arquitetura da simbólica construção centenária. “Ela tem uma escadaria de acesso e tem nas laterais palmeiras que vão acompanhando a escadaria, era bem bonito”.³⁵

³⁴ Entrevista dada por Rui Meneses em 15 de julho de 2020.

³⁵ Entrevista dada por Rui Meneses em 15 de julho de 2020.

Segundo o arquiteto Rui, essa capela sofreu uma reforma e isso é confirmado por documentação localizada no Arquivo da Cúria de São Paulo. Desse modo,

ela foi construída pela técnica usada pelos bandeiristas que era a técnica de pau a pique, com barro e terra. Ela sofreu sim uma reforma ela não tem mais essa cara não, ela foi reformada e pela foto aqui ela manteve as mesmas dimensões, porém ela foi reformada sim, ela não mais este aspecto que está aqui, mas foi reforma de acabamento.³⁶

Dessa forma, é possível que esta pequena capela seja a mesma construída pelos padres e seminaristas no século XIX, a capela rústica como aponta a polianteia de 1865. Por outro lado, recebendo reformas ao longo do tempo, mas sem perder a sua originalidade como o seu exterior com escadaria para acesso ao local de culto a Nossa Senhora. Bem como, a nova capela que fica ao lado da casa sede antes de entrar em ruínas foi fotografada por Rui, e notamos sua porta principal na cor verde, com o seu telhado antigo, tendo sofrido alguns reparos e feito acréscimo de madeiras para o coro que ficava junto à porta de entrada e o presbitério ainda com altar fixo na parede, tendo o nicho que ficava a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Igualmente o casarão (casa sede) teria recebido reformas desde o tempo dos seminaristas a família Barros. A polianteia (1906) apresenta a casa sede no modelo arquitetônico colonial em taipa de pilão, já com o passar dos anos essa configuração sofreu mudanças, como postulou o

³⁶ Entrevista dada por Rui Meneses em 15 de julho de 2020.

arquiteto Rui. “Essa foto é anterior à reforma feita, obviamente a família veio depois, mas foi feito sim a reforma”.³⁷

As ruínas de um passado esquecido

Passando-se os anos de abandono do patrimônio histórico fazenda do seminário no Jardim Antártica, a comunidade local se depara com ruínas de um passado religioso e também familiar. Muitos não sabem o que funcionava neste local tampouco sobre as memórias ali guardadas. Mas, com a revitalização a ser realizada pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo, os moradores poderão usufruir de um parque linear, e apreciar as maravilhas da natureza.

O projeto de criação do Parque Linear do Córrego do Bispo começou em 2007. Esse projeto consiste na “implantação de uma zona linear de amortecimento para a área protegida da Serra”. (DPH, 2010). Além disso, mesmo estando em ruínas o patrimônio histórico local, restando pouquíssimas construções como as capelas da casa sede e a da Serra,

Esses elementos devem ser recuperados e incorporados às atividades do futuro Parque Linear do Bispo, agora com novas funções, voltadas ao lazer e, possivelmente, à educação patrimonial e ambiental. Sua valorização representa, também, a oportunidade de se preservar a Serra da Cantareira e seus mananciais, dando a devida importância ao seu passado e ao seu patrimônio cultural. (DPH, 2010).

³⁷ Entrevista dada por Rui Meneses em 15 de julho de 2020.

Também foi possível localizar a antiga capelinha da Serra localizada poucos metros atrás da casa sede. Com o passar do tempo a casa sede da fazenda do seminário ruiu, restando apenas a pequena parte.

Contudo nem tudo está perdido, pois a Prefeitura de São Paulo com a sua Secretaria do Verde ao assumirem o local irão por fim inaugurar o Parque Linear do Bispo, preservando o que restou do patrimônio e a área verde com seus mananciais, como a antiga biquinha que foi possível ser apreciada em visita realizada por nós em 2019.

Toda essa natureza será preservada com a construção do parque linear. Desse modo, as populações em geral poderão desfrutar das jabuticabas e de antemão, os pesquisadores das áreas biológicas terão campo de estudos para a flora e fauna.

Nos últimos meses do ano de 2020 no decorrer da implantação do Parque Linear do Bispo o gestor do espaço da fazendinha e representante da Secretaria do Verde, o senhor João Póvoa, fez um achado importante. Além de ter localizado em 2019 a antiga capelinha da Serra, ele encontrou a antiga mesa de pedra de Dom Lino, porém tomada pela vegetação.

O padre Erly Avelino Guillén Moscoso da paróquia Sagrada Família jardim Peri tem acompanhado as instalações do futuro parque Linear do Bispo. Em agosto de 2020, o referido sacerdote localizou um bem precioso da fazendinha do Seminário: um cálice de estrutura larga que era utilizado nas celebrações quinzenais que havia na capela ao lado da casa sede em tempos da família Barros. Pela antiguidade da peça é deduzido que este item da fé cristã era utilizado desde o período que a

fazendinha tinha por proprietário o Seminário Arquidiocesano de São Paulo. Por conta da inauguração do futuro parque, o padre Erly deixou a peça com o administrador do local fazendinha do Seminário, o senhor João Póvoa para que possa ser colocado em um ambiente fixo (museu) ou na própria capela que será reformada e reinaugurada.

O senhor João Póvoa³⁸ que está trabalhando por volta de dois anos para a implantação do Parque Linear do Bispo relata que o projeto será muito importante para a região, pois trará a população uma área verde e de preservação. Além disso, contando com o lazer, havendo pistas para caminhada, o contato com a vegetação, a plantação de mais de 1.000 árvores nativas, convênio com faculdades para o estudo da fauna e da flora (Mata Atlântica), com isso a construção de dormitórios (possivelmente no espaço da antiga casa sede da fazenda); a reforma da capela e a retomada de missas no local aos domingos; e a preservação do patrimônio histórico. De antemão, no segundo semestre de 2020, está sendo realizadas limpezas em todo o terreno; o policiamento da Polícia Militar e da Guarda Florestal; a vigilância com empresa terceirizada; o início do cercamento do terreno com cercas resistentes iguais às do Parque Ibirapuera; e inclusive a plantação de inúmeras árvores nativas que ultrapassam a conta de 1.000 exemplares.

Por fim, das ruínas foram localizados tijolos da antiga construção da casa sede. Esses tijolos fazem parte da história das olarias na zona norte no decorrer do século XIX e principalmente no século XX. Como já foi dito no começo desta pesquisa, a fazenda Seminário possuía

³⁸ Entrevista dada pelo senhor João Póvoa, julho de 2020.

moinho e olaria, possivelmente havia a distribuição desses tijolos na região. Contudo, é plausível que os proprietários da fazenda adquirissem tijolos em cerâmica de outras olarias das redondezas, isso é uma hipótese já que não localizamos documentação. A Galeria Jardim Pery Zona Norte nos apresentou a foto de um tijolo em cerâmica com as iniciais *F e S* o que pode significar *fazenda seminário*, ou seja, quem fabricou poderia ter sido a dita fazenda.

Conclusão

A história do patrimônio histórico e ambiental, fazenda do Seminário do Jardim Antártica está relacionado com a história da cidade de São Paulo. Uma cidade que a cada dia cresce e envolve dentro de si um complexo populacional totalmente imbricado, pois são povos de diversas regiões e nacionalidades. As ruínas da fazendinha do Antártica, como é popularmente conhecida, tem em si uma história religiosa católica e familiar dotada de encontros culturais, com suas histórias lendárias e contribuição para o desenvolvimento agrícola na região norte da cidade.

São múltiplas memórias que se encontram e fornecem a possibilidade do conhecimento acerca de um passado de alegrias, lazes e orações, como foi nos tempos dos padres e seminaristas. Também a força da família Barros que mesmo adquirindo o imóvel puderam conservar o passado religioso, com as missas e o contato com os moradores da região. Assim, o trabalho da prefeitura de São Paulo contribui para a preservação não só do local com sua mata e animais silvestres, também para salvaguardar o patrimônio histórico esquecido

e toda uma rede de memórias coletivas que estão por de trás do monumento.

Referências Bibliográficas

Antiga Sede da Fazenda do Seminário. *Anexo de Fotos*. Prefeitura de São Paulo: DPH, SMC, 2010.

Antiga Sede da Fazenda do Seminário. *Estudo histórico para subsidiar projeto de implantação do Parque Linear do Bispo*. Prefeitura de São Paulo, DPH, 2010.

BLAJ, Ilana. *Agricultores e comerciantes em São Paulo nos inícios do século XVIII: o processo de sedimentação da elite paulistana*. Revista Brasileira de História, vol. 18, nº 36. São Paulo, 1998, p. 281-96.

BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. I. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

Entrevista concedida pela senhora Lourdes de Castro. São Paulo: Julho de 2020.

Entrevista concedida por João Póvoa. São Paulo: Julho de 2020.

Entrevista concedida por Lair Rosa Pinto. São Paulo: 15 de Julho de 2020.

Entrevista concedida por Rui Meneses. São Paulo: 15 de julho de 2020.
Estados Unidos do Brazil Diário Oficial do Estado de São Paulo. Decreto nº 214, de 4 de novembro de 1893. Caderno Diário Oficial, Imprensa Oficial - Governo do Estado de São Paulo, p. 84. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

Livro de Notas do Monsenhor Soares do Amaral relativo ao Seminário Episcopal de São Paulo, 1889-1898. Documentos Avulsos do Seminário Episcopal de São Paulo, 1895. ACMSP.

Livro de Notas. Seminário Episcopal, 1889-1898, folhas 25 e 26. ACMSP. 01-03-001.

Livro de Registro de Escritura nº 5, fl. 120 verso. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Livro de Tombo do Seminário Provincial de São Paulo, 1889-1914. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Localização: 08-03-028.

Livro de Tombo do Seminário Provincial de São Paulo, 1933-1946. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Localização: 08-03-026.

Mapas das Paróquias da Arquidiocese de São Paulo, 1911. Folha 34. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *A Cidade de São Paulo povoamento e população 1750-1850*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2014.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. *Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. *Sistemas Construídos e Memória Social: Uma Arqueologia Urbana?*. Revista de Arqueologia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 2, n. 2, 1984, p. 46-50.

MONTEIRO, John Manuel. *São Paulo in the seventeenth century: economy and society*. Tese de Doutorado. Chicago, University of Chicago, 1985.

MORSE, Richard. *Formação econômica de São Paulo (de comunidade à metrópole)*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

POLIANTEIA, *Álbum publicação comemorativa do 1º quinquagénário da fundação do Seminário Episcopal de São Paulo, 1856-1906*. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

PONCIANO, Levino. São Paulo: 450 bairros, 450 anos. São Paulo: Senac, 2004.

Registro Civil de Lair Rosa Pinto, nascida em 1938 na fazenda Seminário. Consta no Oficial de Registro Civil das pessoas naturais do Subdistrito de Santana, São Paulo.

Relatório de Finanças e Economias das casas de posse do Seminário Provincial de São Paulo, 1898. ACMSP. Localização: 08-03-028.

THOMPSON, Paul. História Oral e contemporaneidade. Revista de História Oral, 5, 2002, p. 9-28.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *História dos bairros de São Paulo. O bairro de Santana*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo – secretaria de educação e cultura departamento de cultura, 1970.